

Inteligência artificial, saúde global e cooperação lusófona: reflexões a partir de um webinar internacional

Artificial intelligence, global health, and Portuguese-speaking cooperation: reflections from an international webinar

Intelligence artificielle, santé mondiale et coopération lusophone: réflexions issues d'un webinaire international

Lêda Lúcia Couto de Vasconcelos , Regina Bernal , Leonardo Lemos Pena , Maria do Rosario Oliveira Martins , Deborah Carvalho Malta 

Resumo

No ensaio são abordados alguns dos aspectos apresentados no webinar “Inteligência Artificial para a Saúde Global: Aplicações no Ensino e Pesquisa em Países de Língua Portuguesa” que foi uma parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais, através da Escola de Enfermagem e a Universidade Nova de Lisboa, através do Instituto de Higiene e Medicina Tropical - IHMT realizado nos dias 11, 12 e 13 de novembro de 2025. Conclui-se que o evento não apenas possibilitou a troca de experiências e saberes técnicos, mas também estabeleceu um espaço estratégico para o fortalecimento da cooperação Sul-Sul e Norte-Sul.

Palavras-chave: IA (Inteligência Artificial); Saúde Global; Saúde Digital.

Abstract

This essay addresses some of the aspects presented in the webinar “Artificial Intelligence for Global Health: Applications in Teaching and Research in Portuguese-Speaking Countries,” a partnership between the Federal University of Minas Gerais, through the School of Nursing, and the Nova University of Lisbon, through the Institute of Hygiene and Tropical Medicine - IHMT, held on November 11, 12, and 13, 2025. It concludes that the event not only facilitated the exchange of experiences and technical knowledge but also established a strategic space for strengthening South-South and North-South cooperation.

Keywords: AI (Artificial Intelligence); Global Health; Digital Health

<https://doi.org/10.25761/anaisihmt.569>

Résumé

Cet essai aborde certains aspects présentés lors du webinaire «Intelligence artificielle pour la santé mondiale: applications dans l'enseignement et la recherche dans les pays lusophones», un partenariat entre l'Université fédérale de Minas Gerais, par le biais de sa Faculté des sciences infirmières, et l'Université Nova de Lisbonne, par le biais de son Institut d'hygiène et de médecine tropicale (IHMT), qui s'est tenu les 11, 12 et 13 novembre 2025. Il conclut que cet événement a non seulement facilité l'échange d'expériences et de connaissances techniques, mais a également créé un espace stratégique pour le renforcement de la coopération Sud-Sud et Nord-Sud.

Mots-clés: IA (Intelligence Artificielle); Santé Mondiale; Santé Numérique.

I. Introdução

A análise da inserção da Inteligência Artificial (IA) na saúde global deve iniciar-se por uma reflexão crítica sobre a tecnologia, não como um ente autônomo, mas como uma construção ideológica frequentemente sujeita à reificação e despolitização. A Saúde Digital, portanto, transcende a mera utilização de artefatos, constituindo uma estrutura complexa que engloba base física, objetos técnicos, redes sociotécnicas e processos operacionais.

Nesse cenário, propõe-se uma mudança de perspectiva geopolítica e epistemológica: “sulear” em vez de “nortear”. Este conceito, fundamentado na crítica à colonialidade, defende a soberania intelectual e tecnológica

do Sul Global contra um “colonialismo de dados”. Tal fenômeno cria uma dependência onde soluções e pautas são impostas visando otimização e lucro, muitas vezes negligenciando a equidade em saúde [1].

Sob a ótica de campo social de Pierre Bourdieu, a Saúde Digital é uma “infosfera” de produção de bens simbólicos e acumulação de capital político, caracterizada pela transdisciplinaridade. Ela integra as Ciências de Dados, Ciências Básicas e Clínicas, e as Ciências Sociais e Humanas. É imperativo superar falsos dilemas como “natural versus artificial”. Etimologicamente, “artificial” refere-se ao produto da técnica humana (*artificium*), tornando falaciosa a contraposição entre inteligência humana e artificial, visto que a segunda é produto da primeira [1].

Tecnicamente, a IA deve ser desmistificada e compreendida como programação voltada à otimização de resultados entre dados preditos e observados, categorizável em dimensões de contexto, dados, modelo e tarefa. Contudo, há um risco latente de extração de “mais-valia digital” e captura da regulação por corporações do Norte Global, exigindo vigilância epistemológica constante da academia [1].

Para discutir sobre um tema com tão grande relevância atual, uma parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais, através da Escola de Enfermagem e a Universidade Nova de Lisboa, através do Instituto de Higiene e Medicina Tropical - IHMT realizou, nos dias 11, 12 e 13 de novembro de 2025, o “Webinário Inteligência Artificial para a Saúde Global: Aplicações no Ensino e na Pesquisa em Países de Língua Portuguesa”.

Isso confere, sem dúvida, também uma grande abrangência, já que são nove países de língua portuguesa. O Webinário possibilitou muito aprendizado quando, no primeiro dia foram ofertados 4 cursos (tabela 1) e, depois, nos dois dias seguintes, 17 palestras (tabela 2), sendo duas palestras magnas. Foram abordados temas diversos, expressando a situação da IA nos países de Língua Portuguesa e possibilitando muitas oportunidades de compartilhamento de saberes.

Nesse ensaio, serão apresentados apenas alguns dos aspectos abordados nas apresentações e cujos palestrantes autorizaram sua divulgação. Sem a pretensão de tentar reproduzir toda a riqueza do que foi apresentado, mas representando a percepção dos autores, de forma resumida e sem grande aprofundamento analítico. O que se pretende é, a partir das apresentações disponibilizadas pelos palestrantes e das anotações realizadas pelos autores, destacar o pioneirismo

da realização de um webinar, diverso e incluyente, sobre IA em países lusófonos e registrar algumas das contribuições realizadas pelos palestrantes.

II. Plataformas de IA para Ensino e Pesquisa

Vivemos uma mudança de paradigma com a democratização da IA, que evoluiu de um uso restrito a grupos de investigadores nas décadas de 1950 e 1960 para uma acessibilidade universal via internet. A IA Generativa (GenAI), subconjunto do *Deep Learning*, integra-se hoje a um vasto ecossistema de dispositivos [2, 3].

No fluxo de trabalho acadêmico, diversas ferramentas baseadas em IA têm sido aplicadas para otimizar o ciclo de vida da pesquisa:

- **Pesquisa e Seleção Bibliográfica:** Ferramentas como o *Consensus* utilizam *Retrieval-Augmented Generation* (RAG) para fornecer respostas baseadas em artigos reais. O *Litmaps* permite a visualização de conexões entre artigos e identificação de autores seminais (“trackback”), enquanto *Scopus AI* e *Dimensions* auxiliam na sumarização e métricas de impacto.
- **Leitura e Análise:** Assistentes como *SciSpace* e *ReadCube* permitem a interação direta com PDFs, validando referências cruzadas para mitigar alucinações.
- **Escrita e Gestão:** Além dos gestores bibliográficos tradicionais (*Zotero*, *Mendeley*), ferramentas como *Paperpal* auxiliam na melhoria da redação, embora não devam gerar conteúdo intelectual.

Na pesquisa qualitativa, observa-se uma predominância do ChatGPT (85% dos estudos), utilizado principalmente para Análise Temática devido à sua capacidade indutiva de reconhecimento de padrões [4].

No ensino, experiências piloto com “sala de aula invertida” (*flipped classroom*) demonstraram que o uso de chatbots personalizados — treinados especificamente com bibliografia acadêmica selecionada via *Microsoft Azure OpenAI Service* — reforça a autonomia e o envolvimento dos estudantes. A satisfação com tais ferramentas foi alta, impactando positivamente a elaboração de revisões de literatura e a estruturação de trabalhos [5, 6].

III. Pressupostos e Premissas Educacionais no Uso da IA

A integração da IA na academia exige a observância de premissas éticas e pedagógicas rigorosas. Observa-se

uma mudança comportamental significativa: gerações *Millennials*, Z e Alpha demonstram maior confiança nas respostas da IA (aprox. 42%) e uma tendência de substituição de motores de busca tradicionais por ferramentas conversacionais [7].

Para garantir a integridade do aprendizado, destacam-se as seguintes premissas:

- **Não Substituição do Conhecimento:** A IA deve atuar como suporte e não como barreira cognitiva; não deve impedir o desenvolvimento do pensamento crítico.
- **Proficiência e Letramento:** É essencial a literacia em IA para selecionar ferramentas adequadas
- **Responsabilidade Ética:** O uso deve ser transparente, evitando plágio e fraudes [8].

Recomenda-se um fluxo de decisão baseado na UNESCO: se a precisão factual é crítica e o usuário não possui *expertise* para validar a resposta, o uso é desaconselhado, a menos que a ferramenta possua funcionalidades de *Retrieval-Augmented Generation* -RAG [9].

No contexto pedagógico, a UNESCO sugere que a IA assuma papéis de parceira no aprendizado ativo:

1. **Oponente Socrático:** Debate com o aluno e aponta falhas argumentativas.
2. **Tutor Pessoal:** Fornece *feedback* imediato e guia o pensamento.
3. **Motor de Possibilidades:** Gera múltiplas formas de expressão de ideias.

IV. Desafios do Uso da IA em Pesquisa

Apesar dos benefícios, a implementação destas tecnologias enfrenta desafios críticos que exigem regulação e vigilância.

Integridade Acadêmica e Autoria: As principais editoras científicas (Elsevier, Nature, Science, Wiley) estabeleceram que a IA deve ser tratada como ferramenta de suporte e jamais como autora, pois modelos de linguagem (*Large Language Models* - LLM) não possuem responsabilidade legal. A Elsevier exige declaração de uso (*disclosure*) e proíbe a IA na criação de imagens científicas. Wiley e Sage reforçam que a IA não pode criar dados originais nem manipular resultados [7].

Limitações Técnicas e Riscos Epistemológicos:

- **Alucinação:** Modelos tendem a gerar informações falsas com convicção; estudos indicam que LLM podem inventar até 58% das citações e apresentar taxas de erro de 28% em classificações de revisão sistemática [10].
- **Viés e Discriminação:** Treinados em dados da

internet (majoritariamente do Norte Global), os modelos podem reproduzir preconceitos e sub-representar contextos socioculturais locais [11].

- **Opacidade:** A falta de acesso aos parâmetros internos dos modelos comerciais impede a reprodutibilidade científica plena.
- **Análise Qualitativa:** Em tarefas de codificação interpretativa profunda, a concordância entre máquina e humano cai drasticamente (35% a 50%), aproximando-se da aleatoriedade e erodindo a reflexividade do pesquisador [4].

Recomenda-se a não submissão de dados confidenciais a versões gratuitas de ferramentas de IA para evitar quebra de sigilo e uso desses dados para treinamento de modelos.

V. IA como Modelo Preditivo de Fatores de Risco e em Populações Sintéticas

A aplicação de IA tem se mostrado promissora na vigilância epidemiológica, especialmente para Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT). Um desafio central é a obtenção de estimativas precisas para pequenas áreas geográficas, dadas as desigualdades dos espaços urbanos [12].

Estimação em Pequenas Áreas e Populações Sintéticas: No Brasil, o inquérito VIGITEL fornece dados robustos em nível municipal, mas ao particionar os dados em áreas menores são encontrados os “vazios amostrais” em áreas periféricas devido à baixa cobertura de telefonia fixa. Para solucionar o problema de áreas com poucas entrevistas, foi utilizada a população sintética [13].

A técnica de geração de dados sintéticos, utilizando Redes Adversárias Generativas Condicionais (SEGAN), permitiu criar registros artificiais que mimetizam estatisticamente a população real. A incorporação de amostras sintéticas nos cluster de elevado e muito elevado risco, reduziu o erro padrão e estreitou os intervalos de confiança sem alterar as prevalências estimadas, validando estatisticamente o método. Isso revelou disparidades significativas, como a menor prevalência de consumo de frutas e hortaliças em áreas de alta vulnerabilidade (19% contra 36% em áreas centrais) [12,13].

Modelos Preditivos na COVID-19: Durante a pandemia, modelos de IA foram desenvolvidos para triagem e prognóstico. Um estudo com mais de 21.000 pacientes revelou que *drifts* temporais (mudanças nas condições epidemiológicas ao longo das ondas) degradam a sensibilidade dos modelos. A sensibilidade para

predição de mortalidade caiu de 0,27 na onda 1 para 0,12 na onda 3, reforçando a necessidade de atualização contínua dos algoritmos [14,15].

Adicionalmente, técnicas de *Propensity Score Matching* (técnica estatística usada para reduzir o viés de seleção) confirmaram a eficácia da vacinação, mostrando redução na mortalidade (19,4% versus 33,3%) e no tempo de internação. Modelos como LightGBM (framework de aprendizado de máquina de alto desempenho) superaram a regressão logística na predição de tromboembolismo venoso [16].

VI. Uso de IA na Mineração de Dados e na Interoperabilidade Semântica

A interoperabilidade semântica assegura que conceitos clínicos mantenham seu significado entre diferentes sistemas, utilizando terminologias padronizadas como a NANDA Internacional e SNOMED-CT (Systematized Nomenclature of Medicine – Clinical Terms, que é a terminologia clínica multilíngue mais abrangente e estruturada do mundo) [17].

Harmonização de Dados de Enfermagem: Um projeto envolvendo 12 hospitais na Flórida utilizou IA para mapear termos locais heterogêneos para terminologias padronizadas. Desenvolveu-se uma infraestrutura baseada em RAG composta por um modelo de incorporação (*Embedding*) para busca semântica e um modelo generativo (GPT-4) para seleção do termo [18].

A abordagem híbrida (*human-in-the-loop*), onde a IA realiza a triagem e enfermeiros validam, aumentou a eficiência drasticamente: de 1.000 termos mapeados em 2 anos (manual) para 4.000 termos em 6 semanas (assistido por IA), alcançando 96% de acurácia. Isso permitiu cruzar dados e identificar o impacto de intervenções de enfermagem na redução de readmissões em pacientes com Alzheimer [17,18].

Mineração de Dados em Violência de Gênero: O projeto “Data to Stop Gender-Based Violence” aplicou a Semântica de *Frames* em prontuários do e-SUS APS para identificar padrões de violência. Diferente de modelos “caixa preta”, essa abordagem oferece explicabilidade ao estruturar textos livres [19, 20].

Os resultados foram reveladores:

- **Janela de Oportunidade:** Vítimas aumentam a frequência de visitas à atenção primária 92 dias antes de uma notificação oficial, quadruplicando o tempo para intervenção preventiva.
- **Subnotificação:** Identificaram-se milhares de casos de violência autoprovocada e geral sem no-

tificação no SINAN, com subnotificação estimada acima de 87%.

- **Viés Demográfico:** Enquanto dados oficiais concentram-se em menores de 14 anos, a análise semântica revelou a invisibilidade da violência contra mulheres adultas (acima de 25 anos) nos registros.

VII. Cuidados com o Uso da IA para Temas Sensíveis

O uso de IA em temas sensíveis, como a violência doméstica, exige cuidados redobrados com privacidade, viés e explicabilidade. A aplicação direta de LLM em dados de saúde apresenta riscos de exposição de informações identificadoras e alucinações médicas.

Um estudo em Moçambique focou na classificação multiclasse de tipos de violência de gênero em redes sociais (tweets), visando distinguir entre violência sexual, física, econômica, emocional e práticas prejudiciais. O *dataset* apresentava um desbalanceamento severo, com 82,34% dos dados referentes à violência sexual. Para mitigar isso, aplicou-se *Data Augmentation* com dados sintéticos no conjunto de treinamento [21].

Comparando modelos clássicos (*Baseline*) com arquiteturas *Transformer* (Deep Learning):

- O modelo **DeBERTa** (com *fine-tuning*) atingiu acurácia de 99,99%, superando significativamente o *Random Forest* (99,74%).
- Diferente dos modelos tradicionais, o DeBERTa eliminou erros de classificação cruzada em categorias minoritárias (violência emocional e física) e convergiu mais rapidamente.

Conclui-se que para domínios sensíveis e desbalanceados, o uso de arquiteturas *Transformer* combinadas com dados sintéticos é determinante para evitar o enviesamento em direção às classes majoritárias e garantir robustez semântica.

VIII. Conclusão

O Webinar “Inteligência Artificial para a Saúde Global” cumpriu um papel fundamental na consolidação da parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Nova de Lisboa (UNL/IHMT). Ao reunir participantes de nove países de língua portuguesa, o evento não apenas possibilitou a troca de experiências e saberes técnicos, mas também estabeleceu um espaço estratégico

para o fortalecimento da cooperação Sul-Sul e Norte-Sul. A continuidade dessas parcerias é essencial para enfrentar os desafios de regulação, soberania tecnológica e implementação ética da IA visando sistemas de saúde mais equitativos e eficazes em todo o espaço lusófono.

O webinar pode representar o início de várias outras iniciativas de mesma ou maior importância, podendo-se constituir uma agenda que inclua, dentre outras questões: a formação crítica em IA; o desenvolvimento de capacidades tecnológicas nos países de língua portuguesa; a proteção de dados sensíveis; a avaliação de vieses e transparência algorítmica; o fortalecimento da pesquisa colaborativa Sul-Sul; e a incorporação responsável da IA nos sistemas de vigilância, cuidado e gestão em saúde.

IX. Declaração de conflitos de interesse

Os autores declaram que não existem conflitos de interesse relacionados com o presente artigo.

X. Referências

- Almeida Filho N. O lugar da IA no campo da Saúde Digital [apresentação]. In: Webinar Inteligência Artificial para a Saúde Global; 2025 nov 13; Lisboa, Portugal.
- Costa CJ, Aparicio M, Aparicio S, Aparicio JT. The democratization of artificial intelligence: Theoretical framework. *Appl Sci*. 2024;14(18):8236. (Nota: O texto original incluía um anexo que foi formatado como: Costa C. Partilha de conhecimento entre professores da Prof. Cristina Costa na NOVA IMS; 2024).
- Aparicio JT, Aparicio M, Aparicio S, Costa CJ. Predicting the Impact of Generative AI Using an Agent-Based Model. *arXiv [Preprint]*. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.48550/arXiv.2408.17268>
- Sampaio R. Uso da IA na pesquisa qualitativa [apresentação]. In: Webinar Inteligência Artificial para a Saúde Global; 2025 nov 13; Lisboa, Portugal.
- Painho M. A introdução da IA generativa customizada na sala de aula [apresentação]. In: Webinar Inteligência Artificial para a Saúde Global; 2025 nov 12; Lisboa, Portugal.
- Tang V, Painho M, Vorobeva D. Integrating tailored generative AI into the flipped classroom: A pilot implementation in higher education. *Innov Educ Teach Int*. 2025. doi: 10.1080/14703297.2025.2523898.
- Aparicio M. Plataformas de IA Generativa para ensino e investigação [apresentação]. In: Webinar Inteligência Artificial para a Saúde Global; 2025 nov 12; Lisboa, Portugal.
- Reis Z. IA na produção do conhecimento: oportunidades e desafios [apresentação]. In: Webinar Inteligência Artificial para a Saúde Global; 2025 nov 12; Lisboa, Portugal.
- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). ChatGPT e inteligência artificial na educação superior: Guia de início rápido. Paris: UNESCO; 2023 [citado 2023 out 1]. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000385146_por
- Jowsey T, Braun V, Clarke V, Lupton D, Fine M. We reject the use of generative artificial intelligence for reflexive qualitative research. *SSRN [Preprint]*. 2025. Disponível em: <https://ssrn.com/abstract=5676462> ou <http://dx.doi.org/10.2139/ssrn.5676462>
- Ashwin J, Chhabra A, Rao V. Using Large Language Models for Qualitative Analysis can Introduce Serious Bias. *Policy Research Working Papers* 10597. Washington (DC): World Bank; 2023.
- Malta D. Modelo preditivo de fatores de risco para doenças crônicas não transmissíveis [apresentação]. In: Webinar Inteligência Artificial para a Saúde Global; 2025 nov 12; Lisboa, Portugal.
- Bernal R. População sintética e o uso na saúde [apresentação]. In: Webinar Inteligência Artificial para a Saúde Global; 2025 nov 12; Lisboa, Portugal.
- Lana FCB, Marinho CC, Paiva BBM de, Valle LR, et al. Unraveling relevant cross-waves pattern drifts in patient hospital risk factors among hospitalized COVID-19 patients using explainable machine learning methods. *BMC Infect Dis*. 2025;25:537. doi: 10.1186/s12879-025-10766-0.
- Gonçalves MA. IA e modelos preditivos de Covid 19 [apresentação]. In: Webinar Inteligência Artificial para a Saúde Global; 2025 nov 13; Lisboa, Portugal.
- Moraes EV, Pires MC, Costa AAA, Nunes AGS, et al. Comprehensive statistical analysis reveals significant benefits of COVID-19 vaccination in hospitalized patients: propensity score, covariate adjustment, and feature importance by permutation. *BMC Infect Dis*. 2024;24:1052. doi: 10.1186/s128879-024-09865-1.
- Office of the National Coordinator for Health Information Technology (ONC). Interoperability [Internet]. Washington (DC): ONC; [citado 2026 abr 27]. Disponível em: https://www.healthit.gov/sites/default/files/factsheets/onc_interoperabilityfactsheet.pdf
- Macieira T. Uso da IA para interoperabilidade semântica de dados de enfermagem [apresentação]. In: Webinar Inteligência Artificial para a Saúde Global; 2025 nov 12; Lisboa, Portugal.
- Torrent T. Técnicas de mineração de dados para identificação da violência doméstica [apresentação]. In: Webinar Inteligência Artificial para a Saúde Global; 2025 nov 13; Lisboa, Portugal.
- Larré LT, Torrent TT. Modelagem baseada em frames para identificação do léxico da Violência de Gênero. In: Anais do 15º Simpósio Brasileiro de Tecnologia da Informação e da Linguagem Humana (STIL); 2024; Belém, PA. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação; 2024. p. 403-412. doi: 10.5753/stil.2024.245452.
- Amin B. Classificação dos tipos de violência de gênero em conteúdos das redes sociais, recorrendo a modelos de Machine Learning em Moçambique [apresentação]. In: Webinar Inteligência Artificial para a Saúde Global; 2025 nov 13; Lisboa, Portugal.

Tabela 1: Programação dos cursos ministrados no 1º Webinar “Inteligência Artificial para a Saúde Global: Aplicações no Ensino e na Pesquisa em Países de Língua Portuguesa”, Lisboa, Portugal, 2025

Palestrantes	Cursos (11 de novembro de 2025)
Regina Bernal	Amostras Complexas e Uso em Grandes Inquéritos
Deborah C. Malta e Lêda Lúcia C de Vasconcelos	Vigilância e Notificação em Violência de Gênero – APP NotiVIVA
Maria do Rosario O. Martins e Sofia G. Seabra	Análise de Dados Multivariável com IDS
Filipe Lopes e Sofia G. Seabra	Ferramentas de Inteligência Artificial Generativa para Codificação em Python e R.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Tabela 2: Programação das palestras ministradas no 1º Webinar “Inteligência Artificial para a Saúde Global: Aplicações no Ensino e na Pesquisa em Países de Língua Portuguesa”, Lisboa, Portugal, 2025

Palestrantes	Programação de 12 de novembro de 2025
Maria Manuela S. A. da Costa	Palestra Magna - Plataformas de IA generativa para Ensino e Investigação.
Deborah C. Malta	Modelo preditivo de fatores de risco para Doenças Crônicas não Transmissíveis.
Antonio Luiz P. Ribeiro	Modelo preditivo de doença cardiovascular a partir de eletrocardiograma (ECG).
Regina T. I. Bernal	População sintética e seu uso na saúde.
António Luis B. G. R. Furtado e Sofia G. Seabra	Integração de modelos preditivos e técnicas de inteligência artificial na vigilância da dengue em Cabo Verde.
Zilma S. N. Reis	Inteligência artificial na produção do conhecimento: oportunidades e desafios.
Filipe Lopes e Isabel L. Maurício	Experiências na criação de modelos de reconhecimento de imagem com ferramentas de inteligência artificial.
Marco Painho	A introdução de inteligência artificial generativa customizada na sala de aula.
Palestrantes	Programação de 13 de novembro de 2025
Naomar M. de A. Filho	O lugar da IA no Campo da Saúde Digital.
Tiago T. Torrent	Técnicas de mineração de dados para identificação de Violência Doméstica.
Diana Andreia P. Lousa	Explorando a inteligência artificial para desenvolver biofarmacêuticos antivirais de última geração.
Daniel L. Perdigão	O melhor em três anos de inteligência artificial generativa e as novas tendências.
Bilaal Amin	Classificação dos tipos de violência de gênero em conteúdos das redes sociais, recorrendo a modelos de machine learning em Moçambique.
Marcos André Gonçalves	Inteligência artificial (IA) e modelos preditivos de COVID-19.
Corssino Tchavana	Modelo preditivo para a malária na gravidez.
Rafael C. Sampaio	Uso da inteligência artificial (IA) na pesquisa qualitativa.
Tamara G. R. Macieira	Uso de inteligência artificial para interoperabilidade semântica de dados de enfermagem.

Fonte: Elaborado pelos autores.